

## NÃO TENHO MEDO DO SEU PRECONCEITO: ANÁLISE DE VÍDEOS DE CANAIS LGBT NO YOUTUBE

Alexandre César Oliveira Torres<sup>1</sup>  
Fábio Ronaldo da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o preconceito a partir de vídeos dos canais no Youtube *Canal das Bee* e *Põe na Roda*. É feita uma problematização sobre o preconceito que existe no próprio movimento LGBT brasileiro com aqueles que possuem um corpo que não se encaixa nos modelos trazidos pela mídia tradicional, isto é, corpo gordo, transgênero e enrugado. A internet é aqui entendida como um espaço de informação alternativo onde as práticas discursivas são expostas a fim de informar e debater sobre pautas relacionadas a esses corpos punidos. Foi feito uma análise de conteúdo de três vídeos problematizando os relatos dos entrevistados que expõem algumas situações de preconceito vivenciadas por serem como são. A partir disso, entendemos como a performance do corpo está sujeita à vulnerabilidade a partir dos espaços sociais, e como os discursos preconceituosos se constroem das características e comportamentos ditados pela mídia e suas tecnologias.

**Palavras-chave:** Corpo, LGBT, Internet, YouTube.

### INTRODUÇÃO

“Olha só, além de sapatona, ainda é gorda!”, “O que esse vovô está fazendo aqui? Vai pra fila do INSS, cacura!”, possivelmente você já ouviu esses e outros comentários feitos por pessoas que se incomodam não com a orientação sexual, mas com o corpo abjeto daqueles que não se encaixam nos ditos “padrões de consumo” impostos na contemporaneidade. É válido pontuar que esses e outros comentários são ditos não apenas na sociedade, no geral, mas entre os próprios LGBTs que já sofrem preconceitos pela própria sociedade heteronormativa. Então o nosso texto vai discorrer sobre a intolerância aos corpos abjetos dentro do próprio meio LGBT. Todavia, mesmo com a vigilância e punição por ser gorda (a), velha (a), trans, ou qualquer outra condição que coloque o sujeito em uma estreita marginalização social, por exemplo, esses corpos não são silenciados ou não se deixam silenciar. Além de ocupar os espaços físicos - como ruas, praças e locais de sociabilidade, que existem e que estão ali para enfrentar o ódio e o preconceito, apesar de tudo - ocupam também espaços virtuais, criando

<sup>1</sup> Graduando 5º período no Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [alexandccs@gmail.com](mailto:alexandccs@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor pelo curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [fabiocg@gmail.com](mailto:fabiocg@gmail.com)

territórios existenciais com a criação de canais em plataformas digitais voltados para o público LGBT, angariando seu próprio nicho de comunicação a partir de identidades coletivas que assumem os mesmos interesses e problemáticas.

Nos deteremos, neste trabalho, aos canais hospedados no Youtube *Canal das Bee*<sup>3</sup> e *Põe na Roda*<sup>4</sup>, ambos com temas próprios acerca da comunidade LGBT, mas com características e formas de produção de conteúdo distintos, variando entre modelos de criação ligados ao entretenimento como também em formatos mais sérios, transitando entre o senso pedagógico e informativo, enquanto criam um espaço de fala que por muito tempo a mídia tradicional ofereceu apenas a partir de premissas cômicas, colocando o corpo despadronizado de forma marginalizada à ridicularização, a fim de conquistar números em ibopes nas ondas da sonífera ilha. Hoje “a gay”, “a sapatão”, “a bicha velha” e a “sem identidade” - a partir dos novos modelos de produção desde a ascensão e facilidade do acesso à internet, que angariam diariamente ainda mais usuários -, possuem espaços para falas que expõem feridas subjetivas calcadas não apenas dentro da padronização social vista pelas tecnologias heteronormativas, mas também pelas práticas discursivas de quem está “dentro do meio” e só consegue perceber os corpos revoltados como um membro de uma comunidade que não é sua, já que os questionamentos e a lutas de protagonismo corporal não são os mesmos que os seus.

Tubella (2005) afirma que a construção de identidade, a partir dos novos formatos de consumo e procura por conteúdos segmentados nas plataformas digitais, além de individualizar o sentido de pertencimento do indivíduo, também o potencializa a perceber-se como membro de um grupo social. Esse sentimento surge a partir da necessidade de fazer parte de algo, neste caso, de identificar-se com os assuntos de interesse, majoritariamente, pela comunidade LGBT, como é o caso dos canais em análise. Não se passa pelo crivo do público assíduo apenas o consumo de conteúdos de entretenimento, recheados de jargões internos próprios da comunidade LGBT e bem-humorados, mas também de acompanhar, por um viés mais pedagógico, o que o outro, da mesma comunidade, tem a falar. Assim, “a internet possibilita um espaço alternativo para a identidade homossexual se mostrar de forma diferente” (COSTA; SILVA JUNIOR, 2014, p. 2).

---

<sup>3</sup> Link do Canal: <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>

<sup>4</sup> Link do Canal: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>



## METODOLOGIA

Este trabalho apresenta um estudo metodológico qualitativo feito através de pesquisa bibliográfica para ser realizada uma análise de conteúdo dos vídeos produzidos pelos canais Canal das Bee e Põe na Roda e disponibilizados na plataforma de vídeos Youtube, a fim de compreender como essas produções expõem a necessidade de fala do sujeito homoafetivo discriminado pela própria comunidade LGBT, por possuir um corpo que foge das normas ditadas pelos padrões de consumo, mas que diante todo o preconceito e discriminação não deixa se calar sob a vigilância e punição.

Durante a produção desse artigo, existiam no *Canal das Bee* uma videografia com mais de 700 vídeos, enquanto o *Põe na Roda* mantinha na sua cartela 447 vídeos. Ambos pautados através de curiosidade, política, entretenimento, notícias, entrevistas e entre outros.

Para esse trabalho, foram analisados três vídeos, sendo dois do *Canal das Bee* e um do *Põe na Roda*. Os vídeos do *Canal das Bee* serão “Gorda e Sapatão” (publicado em agosto de 2014) e “Travesti na Universidade” (publicado em fevereiro de 2015), apresentam dois corpos revoltosos, sobreviventes do discurso preconceituoso oriundo dos próprios membros da comunidade. Já no *Põe Roda*, trouxemos para análise o vídeo “Como é Ser Gay e Idoso” (publicado em julho de 2016) que traz a realidade dos idosos gays dentro de um espaço regido pela onda do consumo de um corpo escultural, viril e livre de rugas, mantendo-os na zona da rejeição enquanto são punidos com incapacidade de manter uma relação saudável, seja com outros idosos ou com pessoas mais novas.

## DESENVOLVIMENTO

A internet origina um estilo de comunicação que cria um relacionamento de muitos para muitos, como ressalta Castells (2003). “(...) ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura.” (CASTELLS, 2003, p. 8). O *Canal das Bee* e o *Põe na Roda* são resultados desse novo estilo de produção de conteúdo em espaços alternativos para um público de interesses segmentados, apresentando uma nova prática de consumo de informação adquirida pelas plataformas digitais, sendo ela bidirecional, possibilitando o outro lado da tela a também ter voz. Assim, a identidade, por sua vez, não se



torna influenciada apenas pelo hábito de observar algo, mas também pela forma que esse algo está sendo observado, como pontua Tubella (2005).

Louro (2003), explica que, para muitos indivíduos, a sexualidade ainda é vista como algo que possuímos “naturalmente”, desde que estejamos dentro de um corpo masculino ou feminino. Concordar com essa ideia, é ir de encontro a diversos outros fatores que ignora a dimensão social e política do caráter construído pelo indivíduo.

Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2003, p. 3)

Um “corpo revoltado” carrega consigo marcas de experiências que o coloca em zonas de punição social. Por vezes, os discursos dirigidos a esses corpos estão ligados diretamente à falta de seguir um padrão estético excludente e pouco participativo, proveniente do consumo massivo de corpos que precisam ter pré-requisitos básicos, como virilidade, magreza, jovialidade e traços de atividades físicas. No entanto, excluir a participação ativa desses corpos origina uma série de fatores que vão além da construção de identidade e caráter dos indivíduos, corroborando ainda mais com a necessidade de expor, dialogar, denunciar e confrontar discursos que mais inferioriza do que acolhe. As plataformas digitais, por sua vez, contribuem no tocante à proliferação de informação acerca dessa temática. Para Rocha (2009), a internet dá a continuidade do que se passa no mundo real, ao passo em que as mesmas situações, construções e fatos sociais e históricos são repassados para o digital.

O acesso à internet e a popularização das redes sociais possibilitam a ampliação das expressões dos indivíduos, mobilizando discussões políticas e de valores sociais. É inserido nesse contexto que lésbicas, gays, bissexuais e trans com suas pautas tomam forças como discurso, ampliando cenários participativos que reivindicam debates, visibilidade e políticas de inclusão. Canais como o *Canal das Bee* e *Põe na Roda* trazem para o centro do debate a urgência de enxergar a necessidade de fala dos corpos “indesejáveis” pelo próprio meio em que estão inseridos, oferecendo um espaço onde a fala de quem sofre com as problemáticas é garantida

pelo direito de compreensão e reconhecimento, como também de trocar experiências com os seguidores a partir de discursos políticos afirmativos e relatos individuais, sendo esses subjetivos ou sociais. A partir desse interesse coletivo, enquanto as temáticas conversam com um público segmentado pelos interesses claros e objetivos de ambos os canais, é importante observar que o estilo de produção além de democratizar a forma de participação de quem assiste aos conteúdos, também insere aos *creators* um espaço de compreensão maior das experiências vividas por quem está sendo entrevistado e que carrega um corpo incompreendido.

Butler (2015) afirma que performance do gênero não se limita a apenas caracterizar nossas ações, mas também para determinar como o discurso e o poder institucional nos afeta, nos intimidando e nos constrangendo em relação ao que fazemos, por chamar de nossa “própria” ação. Aos corpos revoltosos, a vulnerabilidade acontece desde cedo em alguns casos, principalmente quando seus comportamentos fogem da padronização corporal vista pelas tecnologias heteronormativas, isto é, o homem precisa manter características que demonstre força e bravura, enquanto a mulher precisa mostrar passividade e delicadeza.

Pensar essa ideia nos faz refletir como a própria comunidade LGBT também reproduz discursos que sustentam o sentimento de punição a partir de características e performances de outros indivíduos. O julgamento do corpo abjeto se dá a partir de experiências vividas por ele, não as mesmas construídas e moldadas por quem o julga e o marginaliza a um estereótipo submetido a falhas, vergonha e até mesmo improdutividade. Frases rotineiramente ouvidas pelos revoltosos, exemplo “bicha até pode ser, mas não precisa ser espalhafatosa” ou “a gorda sapatão até pode ser sapatão, mas ser gorda já é falta de cuidado” constroem de forma mais clara o sentimento de desprezo que o corpo revoltado sente a se comportar e agir a partir de suas próprias características. Segundo CORRÊA (2017), “O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de produção-reprodução sexual.” (apud BENTO, 2014, p. 105)

Os vídeos analisados no *Canal das Bee* e *Põe na Roda*, ilustram como é ser um corpo abjeto dentro de uma comunidade - ainda vista como minoria - que consome o mesmo discurso preconceituoso que lhe “serve de chapéu” em outras posições. A gordofobia, bifobia, transfobia e incompreensão do corpo velho, são reflexos de uma sociedade performática a partir de consumos midiáticos e padronizado a um estilo de “ser algo ou alguém” que, claramente, sobrepõe à falta de aceitação de outros corpos ordenados em características performáticas distintas.

Nos llaman con distintos nombres y nos encontramos viviendo en un mundo de categorías y descripciones mucho antes de que empecemos a ordenarlos críticamente

y nos dispongamos a cambiarlos o construirlos por nuestra cuenta. En este sentido, somos, bastante a pesar de nosotros mismos, vulnerables y afectados por discursos que nunca escogimos. (BUTLER 2015, p. 14)

As plataformas digitais, ao abrir espaço e ênfase às denúncias dos corpos revoltados e incompreendidos, nos ajuda a entender de fato que muitos discursos ainda não padeceram à desconstrução do inconformismo e avanços de comunidades que já sofreram tanto com as mazelas da punição social, e que a visibilidade desses corpos sujeitos à qualquer discriminação, se baseiam nas experiências envoltas da luta, diálogo e, acima de tudo, permanência por mostrar-se vivo. A incompreensão, neste sentido, nada mais é do que o pré-conceito de experiências que não vivemos; não pela ausência do tempo ou algo parecido, mas por que a nós não são concebidas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os vídeos analisados do *Canal das Bee* fazem parte do quadro intitulado “Pergunte às Bee”. Até a finalização deste trabalho, o quadro contava com 167 vídeos. O objetivo principal do “Pergunte às Bee” é que esteja presente no vídeo um convidado que represente a comunidade exposta pela temática do conteúdo, como é o caso da feminista e lésbica Jéssica Ipólito, no vídeo “Gorda e Sapatão<sup>5</sup>” (duração de 10 minutos), que conversou junto com a criadora do *Canal das Bee* Jéssica Tauane e do ex-participante do canal Victor Larguesa, sobre como a gordofobia delimita sua participação em determinados espaços, sendo eles frequentados por héteros ou homossexuais. Cada vídeo do quadro “Pergunte às Bee” tem uma numeração. Neste caso, o vídeo que seguiremos a análise está enumerado como 43 e contém mais de 142 mil visualizações e 580 comentários. Mais de 7 mil pessoas curtiram o conteúdo de forma positiva e 201 de forma negativa.

No início do vídeo, antes da fala inicial da convidada, a apresentadora, que também se chama Jéssica, relatou uma experiência ao ler um comentário na internet: “Nossa, Jéssica. Você é diva! Seu único defeito é ser gorda.” Esse tipo de comentário reforça bem o que discutimos neste trabalho até então.

Não se tolera os corpos que escapam aos padrões da estética, pois é considerado feio, aversivo. É algo que se suporta no cotidiano. A maquinaria produtora das subjetividades que, um corpo magro, bonito e “perfeito” pode ser adquirido a partir do esforço pessoal, também

motiva sujeitos gordos, que possuem um corpo indesejável dentro dos padrões estéticos contemporâneos, a fazerem dietas, consumirem produtos *light* e *diet* e fazerem exercícios para alcançar o corpo dito “perfeito”. A estes não cabem apenas o prazer, a dor, seja através de plásticas corretivas ou fazendo exercícios para queimar as calorias, também é necessária para obtenção de uma imagem aceitável e comestível, literalmente. No mundo contemporâneo, os saberes sobre o corpo não tentam mais discipliná-los como uma forma de punição, mas como uma forma de controle da população que deve sempre buscar o bem-estar físico e mental. Quanto mais atenção for dada ao corpo, maior o controle sobre ele.

O corpo se torna uma mercadoria que deve ser apresentada em boas condições, isto é, em boa forma, bem delineada e com uma aparência perfeita para que possa ser consumida. Isso significa o controle do sujeito do seu próprio corpo e a vitória contra a força da natureza. O sedentarismo, a gordura e a flacidez demonstram a indisciplina e a ausência de cuidados para consigo mesmo. Os que fracassarem, serão vigiados e punidos, (SILVA, 2017).

Ao refletir sobre o comentário e percebendo a indignação de todos os presentes no vídeo, a criadora do *Canal das Bee* finaliza seu pensamento com a permanência de que ela é gorda, sim, e caso a pessoa que escreveu o comentário se sinta incomodada e ou reclame, ela vai ter que se conformar porque, neste caso, terão duas gordas ali presentes.

Para Butler (2015), uma dimensão clara de nossa vulnerabilidade corporal tem a ver com nossa exposição a apelidos e categorias discursivas a partir da infância. Jéssica, convidada pelo *Canal das Bee*, por estar em um corpo gordo, relata que essa problemática vai muito além de questões relacionadas à área médica - vista pela classe como um problema de saúde pública -, mas também à participações sociais, visto que o preconceito ao corpo gordo é atribuído a valores culturais, renegando o simples fato de não estar apto a ter uma vida ativa e satisfatória com sua própria imagem e características.

Outro ponto importante que a convidada enfatizou no vídeo, foi a participação dos corpos gordos nos espaços. Para Jéssica, a sociedade é voltada para o padrão de pessoas. Em determinados espaços, como shopping, assentos de avião e de cinema, ou até mesmo baladas, é vista uma delimitação dos ambientes para corpos gordos, o que faz com que esses lugares sejam menos frequentados, devido ao cerceamento que se sente pela liberdade dos demais, pelo simples fato de gordo. “Até mesmo em balada de sapatão reparo em poucas [meninas gordas]. Várias vezes eu já contei em uma mão as minas gordas, contando comigo”, relatou Jéssica ao se questionar sobre a participação desses corpos em ambientes sociais.

Pensar o corpo performático e vulnerável a partir de espaços de convivência social, segundo Butler:

En muchas de las reuniones públicas que atraen a personas que se piensan a sí mismas en situaciones precarias, la demanda de acabar con la precariedad es escenificada públicamente por quienes exponen su vulnerabilidad ante unas condiciones infraestructurales que se están deteriorando; hay una resistencia corporal plural y performativa operando que muestra cómo las políticas sociales y económicas que están diezmado las condiciones de subsistencia hacen reaccionar a los cuerpos. (BUTLER, 2015, p. 3-4)

Se o discurso inferiorizado ao corpo gordo é motivo de punição em uma comunidade a qual o sujeito faz parte por ser quem é a partir de suas performances, estar em um corpo que não lhe define por completo também é uma experiência que coloca as travestis, trans e demais membros da sigla “T” num espaço onde é indissociado o que podemos entender como identidade sexual e sexualidade.

Discutir transexualidade nos remete a discutir a identidade de gênero deslocada da biologia, porque são pessoas que têm todas as genitálias normais, toda a estrutura biológica, cromossomos absolutamente normais e, no entanto, não se reconhecem no corpo. E, nesse sentido, a genitália é apenas uma das partes do corpo. Muitas mudam o corpo, colocam silicone, fazem aplicação a laser para tirar as marcas da barba, deixam o cabelo crescer, se constituem e produzem as expressões do gênero feminino, lutam socialmente para serem reconhecidas como mulheres. Então, o dispositivo da transexualidade que produz uma única explicação para o ser, para viver a transexualidade, na pesquisa que eu fiz, não encontra nenhum tipo de respaldo. (BENTO, 2017, p. 109)

Sobre a questão dos corpos trans, analisaremos o vídeo de número 67 no quadro “Pergunte às Bee”, “Travesti na Universidade<sup>6</sup>” (duração de 12 minutos), que tem a participação da ativista trans e, hoje, estudante de pedagogia, Maria Clara Araújo. O vídeo segue com mais de 210 mil visualizações até a finalização deste artigo, e contém 641 comentários. 10 mil pessoas curtiram o vídeo de forma positiva e 141 pessoas curtiram o vídeo de forma negativa.

Ao ser questionada sobre a importância de ter passado no vestibular em uma universidade federal, Maria explica que a representatividade também acontece na participação dos espaços sociais, enquanto uma pessoa que geralmente não é vista nesses ambientes. Para Butler (2015), o corpo é menos uma entidade que um relacionamento, e não pode estar totalmente separada da infraestrutura que o permite existir e das condições ambientais de sua própria existência. “Quando eu me vejo, dentro de uma universidade não sendo estudada, mas estudando, isso é muito importante.”, afirma Maria Clara.



Para Bento (2017), o processo de aceitação - diferente de reconhecimento - para os corpos trans, diverge do público gay por fatores corporais que se refere à exclusão de quaisquer características que os coloquem como sujeitos femininos. Os corpos trans seriam a própria materialidade da impossibilidade de assimilação (BENTO, 2017, p. 59).

Se o gay tenta não “dar pinta”, através de uma limpeza em sua performance de tudo que sugere feminilidade; se a lésbica masculina é, de certa forma, protegida por um contexto social em que a moda unissex privilegia as mulheres, ou seja, uma mulher que usa roupas masculinas, tem um cabelo curto e performatiza uma estilística corporal masculina, possivelmente, não correrá grandes riscos; com as pessoas trans essas possibilidades são impossíveis. (BENTO, 2017, p. 59)

Outro ponto importante do vídeo se dá quando a convidada Maria Clara diz que a dificuldade de aceitação dos outros membros da comunidade, a partir de conquistas que fogem das leis de marginalização social, como por exemplo, ingressar em uma universidade pública, adquire discursos de exclusão que - diferente de estarem associados ao ódio e negar a participação dessas comunidades -, se reveste de medo e insegurança por acreditarem que espaços como esse não são feitos para “corpos que apresentam diferenças insuportáveis para um contexto marcado pela hegemonia dos discursos que definem os sujeitos por suas genitálias” (BENTO, 2017, p. 59).

O terceiro e último vídeo em análise refere-se ao canal *Põe na Roda*, intitulado de “Como é Ser Gay e Idoso<sup>7</sup>” (duração de 12 minutos), que apresenta as experiências de José (65 anos); Trevisan (72 anos); Victor (63 anos) e Adão (60 anos). O vídeo apresenta, até a finalização deste artigo, mais de 780 mil visualizações, contendo uma marca de 4.300 comentários. 43 mil pessoas curtiram o vídeo de forma positiva e mais de 1000 curtiram o vídeo de forma negativa.

Logo no início do vídeo, Victor fala “(...) não tenho medo de ficar mais velho. Você tem que curtir a sua idade, com a idade que você tem”. Para Silva (2017), o discurso que dizia à velhice colocava às “pessoas de terceira idade” não o desejo, o prazer ou amor, mas a reclusão do espaço privado. Hoje, a realidade do gay velho, para José, não está dissociado a esse estilo de reclusão. A solidão do corpo idoso, tanto nas experiências sociais e de relacionamento, está associada ao consumo de um padrão estético ditado pela necessidade de ser jovem, viril, malhado e sem rugas.

“Gueis” velhos participando de eventos sociais, sejam estes de qual tipo for, será sempre algo para ser ridicularizado em quase todas as matérias. Ao invés de se expor ao ridículo, ou melhor, para não ter consciência que a existência dessas pessoas era

ridícula, o melhor seria voltar para dentro do armário ou permanecer trancadas dentro da própria casa. Os bares, os cinemas, o sambódromo eram lugares para pessoas jovens e não para “cacuras” (SILVA, 2017, p. 147)

Presente no vídeo, o escritor e jornalista João Silvério Trevisan, diz que ser gay velho no Brasil, nos dias de hoje, é muito ruim.

(...) Você sabe e eu nunca tive dúvida que nós, pelos sofrimentos que tivemos enquanto homossexuais, estamos muito mais sujeitos a ter problemas psicológicos e a ter dificuldades, inseguranças... e a ter medo. A sociedade, por conta de toda essa insegurança secular, morre de medo de envelhecer.

Para Silva (2017), envelhecer é um processo duro que oferece ao corpo um caminho sem volta. Para os velhos LGBT's, a solidão é mais frequente tanto pela inviabilidade da participação social, como também da ausência familiar e, em alguns casos, da falta de um parceiro, surgindo então a ideia de que o corpo já não é mais útil, assim como seu desejo ou até mesmo o amor.

Envelhecer tem sua beleza, por mais que não seja a mesma ditada dentro da publicidade de produtos de cosméticos, suplementação para pessoas musculosas, produtos de beleza, entre outros. A velhice carrega em traços mais profundos “a ideia clara do que é o momento em que se está desejando. Do momento que se está vivendo o desejo”, como diz Trevisan.

Sobre o desejo, Trevisan relata que entendeu qual era o padrão de beleza que os jovens vinham nele, a partir de relacionamentos que teve com homens mais jovens que ele. Através disso, compreendeu que tinha os mesmos preconceitos pelo corpo velho. “Era muito difícil compreender no começo, mas eu envelheci. Eu tinha os mesmos preconceitos. Hoje, eu sou capaz, por exemplo, de desejar um coroa numa boa. Aliás, muito frequentemente eu me interessei muito mais por coroa do que por jovem”.

Ainda de acordo com Silva (2017), não são apenas os corpos idosos que sofrem preconceito por continuarem ativos, sentindo prazer e sendo desejados, mas também outros corpos, de tempos mais recentes, que sofrem preconceito por sentir o mesmo sentimento, construindo até uma relação com pessoas mais velhas. A comunidade LGBT carrega essas condições de padrão de consumo ao se relacionar com outra pessoa, visto que o corpo velho está em desuso e sem condições de mostrar uma jovialidade que muitos procuram, renegando afetos mais subjetivos, como o amor e a construção de um relacionamento.

No entanto, essas mesmas condições não caracterizam a comunidade no todo. Por mais que Trevisan afirme no vídeo que exista um grupo de homossexuais interessados por “coroas”, mas que mesmo assim é facilmente encontrado pessoas que usam desse desejo para manipular, objetificando o corpo abjeto do velho gay a uma certa posição de vulnerabilidade, ainda existem

os corpos velhos e os corpos jovens que contrariam todas essas regras de “condutas” sociais e constroem, entre si, relacionamentos que vão além do que o corpo pode oferecer.

## .CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Canal das Bee* e o *Põe na Roda* mostram como os “corpos revoltosos” têm muito a falar e pouco ainda é compreendido. O corpo, visto como natural a partir de performances e características que ditam o que é consumido ou não, por muito tempo vem evoluindo em silêncio, mas como tudo que é vivido sem a experiência de expor pra fora, uma hora explode, e o problema torna-se debate, pauta. A internet, por sua vez, por mais que traga em uma contingência maior o discurso que fere o corpo mais forte, só que em anônimo, oferece para o debate um espaço mais rico de conteúdo a partir do momento em que todos, independente do corpo que carrega e da pauta que reivindica, consegue fazer parte de um processo democrático, a partir de interesses pedagógicos/informacionais.

Situações como a de Jéssica, do vídeo “Gorda e Sapatão”, e de Maria, do vídeo “Travesti na Universidade”, por mais que mostrassem pautas divergentes incluídos em uma mesma esfera, mas em comunidades diferentes, tornaram-se ainda mais próximos quando os relatos de ambas sempre mantinha o discurso de que a escola, desde sempre, se portou como um espaço repressor a ambos os corpos, falas, características e performances. Desde modo, podemos perceber que a educação no Brasil ainda segrega mais do que uni, da mesma forma que ignora ao invés de entender. De todo modo, nem mesmo os primeiros passos desses corpos, em ambientes que a premissa maior seja a construção do senso crítico do indivíduo, o tornaram frágeis ao ponto de se calarem e obedecerem a regras que mais constroem o ser invisível e marginalizado às práticas sociais.

Os gays velhos, por sua vez, ainda vivem em um momento onde a solidão lhe faz parte como identidade, mas esse sentimento tornou-se ainda mais suscetível a uma certa mudança ao passo em que as convivências, os encontros e as formas de se relacionarem também mudaram de acordo com o tempo. A comunidade no qual os corpos enrugados estão inseridos, por mais que ainda objetifique esses mesmos corpos a um isolamento de desejos e vontades não mais ativas, mantém os mesmos discursos proferidos pela mídia ao longo de todos esses anos.

Os encontros mudaram de endereço. Hoje, devido a ascensão dos meios digitais e do consumo de aplicativos de interação entre homossexuais, como o *Tinder*, *Grindr*, *Scruff*, entre outros, os gays velhos percebem que, por mais que o discurso de punição sobre seus corpos

permanecem carregados de preconceito e intolerância, há uma cartela de espaços e pessoas onde a interação torna-se também uma ligação de corpo-a-corpo quando ambos constroem e mantêm um interesse mútuo.

A liberdade do corpo abjeto está passível a resistências verbais, discursos que maltratam, olhares que zombam e performances que se escondem em uma busca frenética para ser algo que não acrescenta em nada na sua realidade, mas sim na do outro. A esses corpos revoltosos, que sobem suas próprias bandeiras em busca de mostrar ser quem realmente é, constroem com orgulho o sentimento próprio de estar vivo. E nada é mais atraente do que um corpo vivo, com responsabilidades e compreensão ao corpo do outro.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **TRANSVIAD@S: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Pedagogias da Sexualidade. Salvador: Edufba, 2017.

\_\_\_\_\_. **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transsexual**. Natal: EDUFRN, 2014.

BUTLER, Judith. *Repensar la vulnerabilidad y la resistencia*. Conferencia em La Universidad de Alcalá. Disponível no sítio: <https://pt.scribd.com/document/231310994/Judith-Butler-Repensar-La-Vulnerabilidad-y-La-Resistencia-Conferencia-en-La-Universidad-de-Alcala>. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar. 2001.

COSTA, Milane do Nascimento; SILVA JÚNIOR Claudio Gomes da. **“Que Bicha É Essa?” Uma Análise da Cultura Gay na Internet: Comportamentos, Subjetividades e Linguagens**. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias Da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Fábio Ronaldo da. **As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações homoeróticas brasileiras (1978-2013)**. 2017. 230 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

TUBELLA, Imma. A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política. **Televisão e Internet na Construção da Identidade** (281-289). Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.